

Ao longe, a luz no fim do túnel

07 ABR 1983

O GLOBO

EDGÁRDO COSTA REIS

Correspondente

WASHINGTON — Os problemas brasileiros não podem ser resolvidos a curto prazo, ainda que possam ser acomodados, mas as perspectivas para o futuro são boas, na opinião de Martin Feldstein, Diretor do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente Ronald Reagan. Para Feldstein, a recuperação das economias dos países industrializados abre a possibilidade de eliminação das causas que provocaram a crise de liquidez que o Brasil enfrenta.

— Mas tentar resolver os problemas a curto prazo — enfatizou — é o caminho errado.

Em conversa com jornalistas estrangeiros, ontem, para analisar o comportamento da economia americana e os sinais de sua recuperação, Feldstein fez algumas observações sobre a crise que atravessam os países em desenvolvimento e as soluções que poderiam existir para solucionar a curto prazo o aperto financeiro dessas nações.

Como alguns países já resolveram temporariamente seus problemas financeiros, mas correm o risco de temer que voltar novamente ao mercado privado e ao guarda-chuva de instituições financeiras internacionais e dos bancos centrais das nações industrializadas, Feldstein foi interrogado sobre se existiria algum plano para enfrentar esse segundo round da crise financeira.

Feldstein preferiu concentrar-se num cenário mais otimista, dizendo:

— Continuo acreditando que a longo prazo as perspectivas para o Brasil são boas.

Isso porque, segundo ele, as razões que levaram o País a enfrentar a crise de liquidez foram uma combinação de vários fatores, principalmente da re-

cessão mundial e da baixa dos preços internacionais das commodities.

— Mas isso não é um problema permanente — acrescentou — porque se ocorrer a recuperação das economias industrializadas, os preços certamente subirão, e o País tenderá a mudar para uma posição de maior volume de exportações.

O problema principal está, de acordo com Feldstein, em como se comportar entre os dois cenários. As exportações brasileiras, segundo ele, “são ainda uma pequena fração do Produto Nacional Bruto, pelos padrões europeus”.

— O aumento dessas exportações, em relação ao PNB, não pode ser feito da noite para o dia, mas pode ser alcançado ao longo dos anos.

Feldstein disse ainda que se sentia nervoso com qualquer proposta, como as que circulam no momento, sugerindo que a dívida a curto prazo dos países em desenvolvimento seja transformada num compromisso mais longo, financiado por instituições como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para ele o mercado financeiro privado desempenhou e continuará desempenhando um papel importante junto aos países em desenvolvimento.

— Fico preocupado em pensar na aprovação desse tipo de intervenção, pois os mercados de capitais privados. Enfrentaríamos uma situação na qual o mercado financeiro privado se enfraqueceria e os bancos deixariam praticamente de emprestar.

Economia
RECUPERAÇÃO
Brasil

Feldstein traçou um panorama otimista da economia mundial, dizendo que a recuperação americana estava sendo mais rápida do que em outros países. A Alemanha, segundo ele, já mostra sinais de recuperação industrial, a Grã-Bretanha aumentou a produtividade e o Canadá tende a seguir a expansão dos Estados Unidos.

Em relação à recuperação americana, Feldstein voltou a lembrar que a recessão havia atingido o fundo do poço em dezembro passado e que os indicadores do primeiro trimestre mostravam o início da recuperação, com a projeção de crescimento em 1983 (do último trimestre de 1982 ao último desse ano) de 4,7 por cento, em termos reais, para uma inflação de 4,5 por cento cento.

Entretanto, segundo ele, persistem três fontes de incerteza: a projeção de 4,7 por cento de crescimento não é tão alta para um primeiro ano típico de recuperação e os gastos dos consumidores continuam em nível baixo, caindo em relação aos produtos duráveis (casas e automóveis, por exemplo). O segundo problema é o baixo nível dos investimentos fixos, que deverá melhorar no segundo semestre; e o terceiro é a balança comercial, que deverá ter o déficit elevado, este ano, para mais de US\$ 60 bilhões contra US\$ 42 bilhões no ano passado.

Os três fatores em conjunto se associam diretamente às taxas de juros. Segundo Feldstein, as perspectivas de uma baixa nas taxas de juros dependerão muito de como o Congresso reagirá aos programas da administração para reduzir os déficits do orçamento (calcula-se uma redução de seis para dois por cento do PNB em cinco anos).